



### A REPRESENTATIVIDADE DO REINO COMO FATOR DE DISTINÇÃO ENTRE A IGREJA E ISRAEL

#### The representativity of the kingdom as a distinction factor between Church and Israel

Adílio Éder Dantas de Lima\*



\* Formado em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (SBC) e graduando em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Co-autor dos livros *Dízimos e ofertas* e *O Jesus depressivo*. Professor de Novo Testamento do Centro de Treinamento Eclesiástico e Missões (CETREM).

Contato:  
adiliolima1@gmail.com

#### RESUMO:

O presente ensaio tem o objetivo de apresentar o conceito de representatividade aplicado ao conceito de reino de Deus como um fator corroborativo na distinção entre Igreja e Israel. Seguindo a ideia de que Deus age através de representações para apresentar aspectos de seu plano, a condição de ser representante do reino futuro e pleno está diretamente ligada a funcionalidade de cada instituição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representatividade; Igreja; Israel; Reino

#### ABSTRACT:

This essay aims to present the concept of representativeness applied to the concept of the kingdom of God as a corroborative factor in the distinction between Church and Israel. Following the idea that God acts through representations to present aspects of his plan, the condition of being representative of the future and full kingdom is directly linked to the functionality of each institution.

**KEYWORDS:** Representativeness; Church; Israel; Kingdom

## **1 – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS**

Ter uma linha de raciocínio, uma estrutura interpretativa para interligar as histórias bíblicas, é algo já entendido e formulado por vários teólogos. A teologia da promessa de Walter Kaiser é um exemplo. Através do fio que interliga todas as histórias, a Promessa, esse autor consegue dar significado ao todo da Sagrada Escritura e interpretar os atos de Deus na história. Outro exemplo é a “História da Salvação” de Geoge Ladd, onde a salvação durante a história da humanidade é o ponto que interliga todos os relatos bíblicos.

Partindo da ideia de Poytheres de uma Teologia Sinfônica onde as várias visões não são excludentes, mas tem seu valor, como cada instrumento em uma orquestra que juntos, cada um com sua contribuição particular, formam a bela apresentação, acrescentamos uma visão que auxiliará a interpretação das Sagradas Escrituras, a representatividade.

Deus tem trabalhado na história através do que chamaremos de “representatividade.” Essa representatividade foi o meio deixado pelo Senhor para apresentar aspectos de sua natureza e de seu plano eterno aos seres humanos. Ela consiste no uso de símbolos que apontam para uma realidade acima delas. As representações podem contar parte da realidade, mas não são elas mesmas o centro e realidade final. Este conceito nos ajudará a compreender por que Deus usa de vários elementos simbólicos, por exemplo, ao invés de ditar ou mostrar logo seus intentos para demonstrar realidades ainda não plenamente estabelecidas.

Alguém poderia afirmar que este conceito que estou apresentando é apenas uma nova nomenclatura para os “tipos”. Entretanto, há uma diferença básica. Um tipo carece de uma referência que o substitua no futuro. O cordeiro era um tipo de Cristo, pois houve uma substituição do elemento anterior por um posterior. Um representante aponta para algo futuro, mas, ao mesmo tempo possui as qualidades daquilo que representa e não é necessário uma substituição completa. Um representante pode continuar representando mesmo diante da realidade, como no caso do ser humano que aponta para Deus como sendo seu representante, mas não precisa sair de cena por causa da chegada da realidade.

Apesar de, agora, a ideia da representatividade ter ganhado abrangência no meu pensamento, não foi assim desde o início. Esse pensamento surgiu (e ainda é seu propósito) da tentativa de explicar a diferença da Igreja e de Israel no plano de Deus. Paulo diz que Deus não

rejeitou seu povo, mas Deus diz: “...Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira.” Qual seria o tipo de ciúmes?

Foi na busca para encontrar uma resposta que encontrasse acolhida nos textos bíblicos e explicasse de que forma Deus não rejeitaria seu povo e, ao mesmo tempo, desse aos gentios um lugar de primazia para depois tratar com Israel que a ideia da representatividade tomou forma. A ideia de que o homem é representante de Deus neste mundo, como veremos, não é nova. Porém, sua tomada como chave hermenêutica para a interpretação da Bíblia, sim. Esse, pelo menos, é o meu intento. Esse ensaio não busca responder todos os questionamentos nem ser a palavra final, apenas apresentar outra perspectiva que auxilie a interpretação bíblica.

Começaremos apresentando o conceito de reino de Deus e, em seguida, introduzindo a ideia da representatividade do mesmo em Israel e na Igreja, apresentando os textos que corroboram a visão aqui postulada.

## **2 – A PREGAÇÃO DE JESUS SOBRE O REINO DE DEUS**

Jesus Cristo inicia seu ministério retomando a pregação de João Batista: “Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 3:1-2), o reino de Deus era o centro da sua pregação a qual ele propalava por onde andava como descrito no livro de Mateus “Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 4:17).

Entretanto, uma diferença era marcante, enquanto João pregava sobre a vinda do reino, Jesus, não somente o apresentava, mas também trazia o reino: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa” (Mateus 12:28-29), Jesus indica que ele era o valente que estava retirando o poder do Diabo e fazendo seu “reino” derrubar as portas do inferno. Jesus prega sobre o reino, traz o reino, mas não explica bem como isso acontece, isto é, ele não explica em que sentido esse reino está próximo, apesar do texto tratar de um dos aspectos dele, ele não dá uma explicação completa. Ao que parece, ele supunha que seus ouvintes já estavam familiarizados e entendiam suas assertivas:

Mas durante toda sua repetida menção do reino de Deus, Jesus nunca parou para defini-lo. Nem qualquer ouvinte jamais o interrompeu para perguntar “Mestre, o que significa essas palavras ‘Reino de Deus’ que usas com tanta frequência?” Ao contrário, Jesus usou o termo como se tivesse certeza de que seria compreendido, e de fato foi. O reino de Deus estava no vocabulário de qualquer judeu. Era algo que eles compreendiam e pelo qual esperavam muito (KAISER apud BRIGHT, 2013 p. 352).

O fato de Jesus falar sobre o reino sem dar qualquer instrução sobre o significado dos termos pode significar que ele pressupunha que o povo entendia, mas também, semelhante a algumas de suas parábolas, a falta de explicação introduzia uma resposta à profecia de Isaías:

Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados. (Mateus 13:11-15).

Jesus dava apenas alguns apontamentos, alguns insights como que esperando que o povo despertasse para o seu ensino e perguntasse sobre as verdades que ele falava. Assim como em suas palavras após a expulsão do demônio, onde o reino de Deus se apresenta em destruir as obras do Diabo, uma série de outras declarações, por parábolas, apresentam perspectivas do reino. Um reino que não viria “com visível aparência”, o qual estaria “dentro de vós.” Ele começaria pequeno, como um grão de mostarda, mas se tornaria grande. Também era muito valioso, a tal ponto de alguém vender tudo o que tinha para consegui-lo. Era um lugar de pessoas humildes e, ao mesmo tempo, de grandes homens como Abraão, Isaque e Jacó. Não haveria doenças, nem morte, nem mal. Também haveria pessoas de todos os lugares e classes sociais.

O povo tinha, certamente, uma concepção sobre o que seria o reino de Deus e o estavam esperando como é dito sobre José de Arimateia: “E eis que certo homem, chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimateia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus” (Lucas 23:50-51), entretanto, este conhecimento do reino era o mesmo que Jesus possuía? Eles entenderam todas as implicações e os pormenores que a Bíblia falava sobre este reino? Certamente, não. Mas é necessária uma avaliação revelacional progressiva para termos uma ideia de que tipo de reino o povo estava esperando. Dessa forma, começaremos através do Antigo Testamento e

seguiremos em direção ao Novo, tentando formular uma resposta sobre o que é realmente o reino de Deus.

### 3 – A ORIGEM DO REINO

A primeira menção de um reino na Sagrada Escritura está ligado ao pedido do povo de Israel por um rei segundo as outras nações “e lhe disseram: Vê, já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos; constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações” (1 Samuel 8:4-5). O povo de Israel, ao observar que todas as nações eram governadas por reis, isto é, seu sistema político era uma monarquia, desejaram ter o mesmo tipo de governo. Apesar da tristeza de Samuel por ver o povo buscando um rei, Deus diz a ele que o povo não o estava rejeitando, mas o próprio Deus para que não reinasse sobre eles. Algo importante de destacar é justamente essa assertiva de Deus: “Disse o SENHOR a Samuel: Atende à voz do povo em tudo quanto te diz, **pois não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele**” (1 Samuel 8:7). Deus já é rei sobre as nações, sobre todo o mundo. Contudo, ele não havia se revelado dessa forma a nenhum povo até aquele momento. Aos judeus foi dado o privilégio de se relacionarem conscientemente com o Rei do universo.

O próprio Deus demonstra ser o rei do povo que ele resgatara do Egito e estava habitando na terra de Canaã. Este fato é essencial. O reino instaurado não foi algo provindo do desejo do povo, mas Deus já se colocava como seu Rei. Esta ideia não é nova. Entendemos que Adão foi colocado no jardim do Éden como um governante que representava o grande governador de todo o universo, o Senhor. Portanto, da mesma forma, o Senhor estava instituindo um rei humano que simbolizasse o Rei celestial.

Essa verdade é descrita na Lei que foi dada antes da entrada do povo em Canaã e de seu pedido por uma monarquia. Deus já antecipara que o povo iria pedir um rei, mas este deveria ser conforme Deus quisesse.

Quando entrares na terra que te dá o SENHOR, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Estabelecerei sobre mim um rei, como todas as nações que se acham em redor de mim, estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o SENHOR, teu Deus, escolher; homem estranho, que não seja dentre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti, e sim um dentre eles. Porém este não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito, para multiplicar cavalos; pois o SENHOR vos disse: Nunca mais voltareis por este caminho. Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem multiplicará muito para si prata ou ouro. Também, quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um

traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes (Deuteronômio 17:14-18).

Deus não havia condenado a monarquia como uma forma de governo errada e que nunca deveria ser instituída. Ele já destacara que quando o povo estabelecesse um rei como as demais nações, esse deveria ser escolhido diante e com a aprovação de Deus, dessa forma, Deus reinaria através desse rei humano. Esse já era o seu projeto, pois o rei em Israel deveria apresentar as características do grande rei: justiça, bondade, verdade etc. O grande problema do povo foi escolher seu rei por inveja dos povos vizinhos e rejeitar, em seus corações, o próprio Deus. Portanto, a primeira ideia sobre o reino de Deus aparece justamente em Deus se colocar como Rei sobre o povo de Israel.

#### **4 – A REPRESENTATIVIDADE E O REINO DE DEUS**

É aqui que acrescentamos o conceito de representatividade no reino de Deus o qual explicará que a distinção entre Israel e igreja se dá na representatividade desse reino. A representatividade é a forma utilizada por Deus para apresentar o seu plano eterno e aspectos de sua vontade de forma progressiva na história humana. Através desse conceito é possível observar um ponto de contato entre as economias no trato de Deus com seu povo.

A questão da representatividade está presente em toda a história da salvação. Deus utiliza símbolos para apresentar a si mesmo ou coisas relacionadas ao futuro, isto é, a conclusão do seu plano diante dos homens. Quando observamos a criação do homem, entendemos que esse era o representante de Deus como governador do universo. O Senhor cria o homem à sua imagem e o coloca para cuidar de um jardim assim como ele cuida de todo o universo. Adão e Eva estariam representando a liderança do reino de Deus.

O relacionamento dos homens no início, isto é, homem e mulher, representavam o relacionamento das pessoas em Deus “ambos serão uma só carne”, a unidade na diversidade. Neste relacionamento, dois se tornavam “um” e isso é um mistério assim como a Trindade, um único Deus que subsiste em três pessoas. Com a queda do homem, percebemos Deus estabelecendo relações de representatividade com a humanidade no que concerne à sua obra salvífica e à consumação do seu plano eterno. A partir de agora, os filhos de Adão serão, na medida que correspondem à vontade de Deus, representantes do salvador, do homem perfeito,

e do seu reino vindouro, em vários aspectos diferentes, mas que convergem para um único “telos”.

O Senhor preserva a Noé como representante de seus servos diante do mundo corrupto e o salva apontando para a futura salvação onde poucos serão livres da condenação. Depois disso, deixa o povo se tornar cativo do Egito para mostra a escravidão do pecado e os livra da tirania demonstrando tanto a incapacidade deles de se tornarem livres, como também seu poder libertador. O povo de Israel se torna um representante da salvação dos pecados realizada por Deus. O cordeiro imolado e seu sangue passado nas vergas das portas para que houvesse salvação como representante do sacrifício de Jesus Cristo, o cordeiro de Deus. Moisés, o libertador designado pelo divino, o qual trouxe a palavra e intermediava entre Deus e o povo representava o líder libertador dos pecados, Jesus:

Os profetas do Antigo Testamento representavam Deus para o povo ao anunciar e levar a palavra de Deus a eles [...] os reis e (e juízes) de Israel tinham a responsabilidade de liderar o povo na guerra e de governá-los de acordo com a Lei divina (Dt 17). Quando agiam de forma reta, traziam o governo divino ao povo, tanto por meio de estatutos justos quanto pela libertação dos inimigos na guerra. Mesmo quando agiam sem retidão, mostravam a necessidade da vinda de um rei reto (POYTHERESS, 2016, p. 160).

Todos esses apontamentos de Deus dentro da história são vistos através da representatividade, isto é, o Senhor decidiu revelar progressivamente através de certas ênfases aquilo que era o “telos” de seu plano, a conclusão de todas as coisas, seu reino futuro, pleno e eterno.

Eles não eram a “coisa” em si, mas a representavam, apesar de fazerem “parte” dela. Para exemplificar, Moisés era o libertador, o guia de Israel, o seu profeta, o qual representava a Cristo e a salvação vindoura. Moisés não era Cristo, mas participava do momento histórico em que o povo era salvo do Egito e de seus pecados, como também representava um libertador e uma libertação maiores e futura. Esse conceito da representatividade auxilia na interpretação de determinados textos em que a chave hermenêutica “já/ainda não” parece não conseguir abarcar. É através do conceito de “representatividade” que faremos a leitura e, conseqüentemente, tentaremos dar explicação a questão do reino literal e reino espiritual, Israel e Igreja.

A proposta de Deus para os reis terrenos era sua representatividade do rei verdadeiro que viria futuramente, isto é, o próprio Deus-homem. Após o pedido do povo, Deus lhes concede um rei segunda as nações vizinhas, Saul é dado à Israel, porém, foi um fracasso. Depois disto, Davi é escolhido, o homem segundo o coração de Deus, isto é, aquele que o Senhor determinara para ser rei, e não como, geralmente, é interpretado, alguém que tem o coração de Deus. Através de Davi, Deus estabelece a certeza de sua vinda sobre:

Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre” 2 Samuel 7:16 Porém o SENHOR não quis destruir a casa de Davi por causa da aliança que com ele fizera, segundo a promessa que lhe havia feito de dar a ele, sempre, uma lâmpada e a seus filhos (2 Crônicas 21:7).

A linhagem davídica seria assegurada até a chegada do verdadeiro rei que descenderia desta linhagem para qual todos os outros reis apontavam. Isaías, tendo entendimento dessa realidade acrescenta:

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. Deleitar-se-á no temor do SENHOR; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso. A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins (Isaias 11:1-5).

Neste trecho já podemos ver claramente aspectos divinos sobre o descendente de Jessé. Esse seria o rei que governaria sobre Israel, povo para qual as promessas foram feitas. Dessa forma, o reino ao qual Deus já reinara era universal e espiritual, seu domínio sobre todo o universo, sobre todos os homens. Mas também um reino em que iria reinar como homem-Deus era físico, tinha uma nacionalidade e uma localização geográfica, era seu povo Israel.

Israel que se tornara uma monarquia também deveria cumprir um papel fundamental, ele representaria o reino futuro, reino de justiça e paz o qual seria instaurado com a chegada do rei-Deus. Dessa forma, a nação de Israel realizava um papel representativo, a nação deveria viver de tal forma que chamasse a atenção dos povos para virem adorar o Deus Altíssimo.



## 5 – A UNIÃO DO REINO COM A SALVAÇÃO

Temos que entender o propósito do reino diante da visão histórico-salvífica, pois, do contrário, surgirão alguns problemas futuros. O povo caído pelo pecado manchou o seu propósito em relação a Deus. Adão deveria ser, junto com o restante da humanidade, representantes do reinado ou governo de Deus sobre o universo, entretanto, ele falhou. Dessa forma, Deus instituiu a Israel e seus reis como estes representantes até a chegada do rei prometido. Eles tinham a responsabilidade de anunciar às demais nações a salvação que viria dos céus na pessoa de seu rei celestial “Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Salmos 96:3). Porém, o povo de Israel falhou em ser luz para os gentios se tornando semelhante a eles, motivo pelo qual foram lançados no cativeiro. O rei futuro e o salvador do povo estão intimamente ligados, isto é, são a mesma pessoa. Eles deveriam apresentar essa verdade já destacada nas Escrituras, entretanto, eles não conseguiram entender e proclamar essa verdade. Mas Deus começou a mudar a sorte de Israel os trazendo novamente para sua terra e, pouco a pouco, restaurando o seu reino físico que era uma figura do celestial.

Se a possibilidade de restauração de Israel à sua terra representou o lado físico e material do reino de Deus para o remanescente justo, houve também um lado espiritual. Israel seria sacudido entre as nações (Am. 9.9). O Espírito seria derrabado do alto (Is 32.15 Jr. 31.33). (FEINBERG, 2013, p. 356).

Depois de Israel ser levado ao cativeiro, sua esperança de restauração era física, mas recheada de fatores espirituais. A glória do reino davídico seria restaurada com a mão poderosa de Deus agindo. “É sobre esse reino nacional e espiritual que o nosso Senhor chegou pregando (Mc 1. 14,15)”. (FEINBERG, 2013, p. 356). Como destacamos acima, o reino terreno em Israel simbolizava o reino de Deus sobre todo o Universo e os reis humanos representavam Deus reinando em sua majestade assim como apresentavam e tipificavam o rei vindouro, o Rei-Deus que vira instituir o reinado prometido tanto aos patriarcas quanto ao próprio povo. Esse reino, era o “antítipo” do reino dravídico. Assim, a pergunta: que reino era esse que Jesus estava pregando e dizendo que estava próximo? Esse reino é a conclusão da promessa feita a Davi, porém, não no seu aspecto político-geográfico, mas espiritual e redentivo, tendo o verdadeiro Rei vindo para instituí-lo. Jesus não veio trazer o reino físico naquele momento, mas tratar dos aspectos necessários para que esse reino pudesse acontecer. Dessa forma, o reino não estava condicionado à recusa ou à aceitação de Israel, tendo sido postergado com a rejeição do rei

como algumas pessoas asseveram, mas ele foi inaugurado espiritualmente, pois na morte de Jesus todo o pecado foi “forensicamente” pago, proporcionando que o reino apontado por Isaías e descrito em Apocalipse pudesse ser uma realidade. Entretanto, Israel perdeu, novamente, a oportunidade dada por Deus de ser seu representante e apontador deste reino glorioso, agora certificado pela morte de Jesus:

Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação (**Lucas 19:41-44**).

Jesus chora ao ver a cidade a qual rejeitou o rei que estava trazendo a purificação dos pecados e atestando um reino futuro onde haveria paz e todas as mazelas do pecado estariam ausentes. Porém, por não reconhecerem o tempo da visitação do Rei, além do povo perder a nova oportunidade de representar, ainda foi novamente alvo da ira de Deus.

É importante observar que esse reino político-geográfico, o reino literal prometido ao povo de Israel, só será plenamente instaurado na segunda vinda de Jesus, descrita em Apocalipse:

Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos. [...]Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos (**Apocalipse 20:6; 22:5**).

Os servos de Jesus que o receberam com rei reinarão com ele no futuro, na consumação da promessa feita não somente a Israel, pois este era um canal para que todo o mundo se voltasse para Deus e o reconhecesse como Senhor e Rei do Universo, mas a todos que se dobraram perante sua majestade. Há, certamente, uma mudança de ênfase, mas não na forma que Deus trabalhar. Israel era uma nação, o governo teocrático era visto claramente nas ações sobrenaturais de Deus. Todo o povo, como nação, era chamado a proclamar Deus ao mundo. Isso se dava através de guardar os preceitos celestes que expressavam o reino futuro espiritual, geográfico e político de Deus.

## 6 – O ENTENDIMENTO JUDAICO DO REINO

Quando Jesus vem ao mundo, o Rei-Deus, para instituir o aspecto salvífico do reino: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1:21), o povo de Israel teve, diante de seus olhos, a oportunidade de proclamar Jesus rei e retomar sua incumbência de pregar a salvação aos gentios, entretanto, eles se negaram a isso: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11).

Eles negaram a Jesus porque sua concepção tanto do rei como do reino era simplesmente humana e incompleta. Observe que a ideia de um reino físico, político e geográfico não está ausente na concepção de reino da Sagrada Escritura como temos visto, porém, há o aspecto soteriológico que está hipostaticamente unido ao conceito político-geográfico. Os judeus queriam a libertação da opressão do império romano. O povo aspirava por um rei que agisse semelhante a Davi e restaurasse os domínios, a riqueza e o poder da nação. Quando um judeu lia a Escritura, sua visão certamente se focava na restauração da glória de Israel, semelhante ao tempo de Davi e Salomão. Mas, por certo, esquecera destes aspectos divinos do rei vindouro, os quais não estavam desligados da sua ação salvífica diante do povo. O fato de o rei vindouro ser diferenciado, isto é, divino, seu reino também possuiria aspectos divinos. A continuação da descrição de Isaias fala de um lugar onde a criança brincar com a áspide e a vaca e a urso pastarão juntas. Não haverá dano no monte do Senhor. Para que isso acontecesse, não naquele momento, pois esse não era o intento de Jesus, era necessário haver a expiação dos pecados, a libertação do verdadeiro cativo que era espiritual: “Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres? Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado” (João 8:33-34).

A vinda de Jesus como rei de Israel não foi entendida porque eles não atentaram para o aspecto salvífico, apenas desejavam o libertador da opressão. Jesus veio libertar o povo do pecado e iniciar o reino que seria pleno na sua segunda vinda. Com essa visão de Jesus como restaurador do reino geopolítico, é fácil entender o porquê de Judas o ter traído. Jesus começou a trazer nos seus discursos um tom mais “sombrio”, onde sua morte era anunciada. “Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse.” (**Marcos 8:31**) Judas, ao ver toda a situação, e percebendo

que não haveria um reino para que pudesse usufruir, traiu Jesus para tentar algum lucro, depois de mais de três anos “perdidos” de sua vida.

## **7 – A PERDA DO PRIVILÉGIO DE SER REPRESENTANTE DO REINO**

O que estava acontecendo naquele momento era a restauração espiritual que alicerçava a restauração física do reino de Deus no povo de Israel. Mas esse não conseguiu entender sua função representativa do reino pleno nem mesmo quando o Rei-Deus veio ao mundo para estabelecê-lo. Por essa razão, Deus tirou o privilégio de ser esse representante do povo de Israel e deu a nova instituição que ele formou, isto é, a igreja. Essa punição já havia sido anunciada por Deus e é como Paulo entende o Antigo Testamento:

Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira. E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim. Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente (Romanos 10:19-21).

O povo de Israel não quis atender aos constantes chamados de Deus para que se arrependessem e voltassem a cumprir o seu papel de representante do Senhor e de seu reino futuro. Porém, eles não o quiseram ouvir e foram rejeitados, isto é, perderam a condição de representantes, mas não perderam a promessa do reino, como já temos pontuado. Assim, fica mais fácil entender o que Paulo diz mais a frente: “Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo?” De modo nenhum! (Romanos 11:1).

Deus não rejeitou seu povo, Israel, mas retirou deles o privilégio de ser a nação única e proclamadora do reino dele. Israelitas ainda são salvos, os que creem fazem parte da igreja. Entretanto, Deus o pôs, como Paulo afirma, em ciúmes com outros povos que receberam essa bênção. Seria semelhante a alguém convidado a ser representante da delegação brasileira de vôlei, mas chegou atrasado e outra pessoa foi posta em seu lugar; ele ainda faz parte da delegação, mas perdeu o privilégio de ser o porta-voz. Israel ainda vai ter todas as promessas feitas a ele cumpridas, pois Deus não depende dos homens para realizar seus feitos e é fiel com sua palavra, entretanto, essa representatividade passou de geográfica e nacional para uma mais abrangente, sem restrições. Entretanto, a igreja não deixa de ser um grupo, um povo, não o

sentido nacional, mas coletivo. Dessa forma, Deus ainda mantém a sua forma de representatividade.

Israel não perdeu o reino, ele ainda vai ser dado ao remanescente, isto é, aos verdadeiros israelitas que receberão o rei. Futuramente, porém, quando a igreja for arrebatada, essa honra será restaurada a Israel: “Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel” (Apocalipse 7:4). Estes israelitas irão pregar o evangelho por todo o mundo e levar muitos ímpios ao arrependimento.

## 8 – A REJEIÇÃO DE JESUS COMO O PONTO MÁXIMO DA PUNIÇÃO DE ISRAEL

O povo de Israel já havia rejeitado a Deus em seu coração. A prova disso é vista na idolatria que tomou conta de toda a cidade. O Senhor puniu seu povo por sua pecaminosidade, ele foi lançado da sua própria terra e levado cativo para ser, novamente, escravo. Depois de setenta anos, Deus liberta Israel para voltar à Jerusalém e reerguer a cidade e o templo. Eles deveriam voltar a adoração verdadeira. As promessas estavam sendo cumpridas. Mas a glória do reino ainda não havia sido reestabelecida.

O povo estava esperando ansiosamente a vinda do Messias. Havia a esperança de que o Messias restabeleceria o reino a Israel. Ele traria os tempos de glória que o povo tanto ouvira e lera nas Escrituras. Mesmo depois de Jesus realizar toda a sua obra e explicar o significado dela, ainda havia nos apóstolos esse anelo: “Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (**Atos 1:6**). Jesus não repreende-os com se aquela ideia fosse errada, mas diz que a eles não competia preocuparem-se com os tempos, mas fazerem o seu trabalho, cumprirem o seu chamado: “Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (**Atos 1:7**).

Jesus veio para restabelecer o reino a Israel, de fato, mas não da forma que eles pensaram. Ele veio estabelecer as bases para que o reino em sua completude fosse realizado. O reino prometido no Antigo Testamento possuía algumas peculiaridades: paz, justiça, harmonia:

A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar (**Isaias 11:5-9**).

Jesus veio, justamente, para estabelecer as bases para o reino futuro ser estabelecido de acordo com as profecias. Em sua morte, o pecado que condenava não somente a raça humana, mas todo o mundo, teria de ser expiado. A morte e ressurreição de Jesus foram o alicerce que garantiria a paz, a justiça e a harmonia. Tudo foi realizado e, nesse aspecto, o reino foi trazido ao mundo. O Messias é a restauração do passado e a antecipação do futuro. Ele marcou o ponto inicial, mas ainda há um tempo de espera para que o reino pleno venha: “porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (**Romanos 8:22-23**).

A nação de Israel rejeitou Jesus, o Messias prometido. Essa rejeição aconteceu porque eles não entenderam a obra que Jesus faria. Eles queriam a segunda parte da promessa sem que a primeira fosse estabelecida. Em outras palavras, queriam construir a casa pelo teto. Jesus iria lançar as bases do reino prometido e a representatividade de Israel. Mas o povo rejeitou: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (**João 1:11**). Com base nessa rejeição ainda maior, já que Israel havia sido um péssimo representante do reino quando este ainda estava em uma forma “básica” a superioridade da revelação e sua honra foram dadas a outro povo:

Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira (**Romanos 10:18-19**).

Esse outro povo, como veremos a seguir, é a Igreja. Jesus utiliza várias parábolas para ilustra ambas as verdades. A parábola dos maus lavradores que não cuidaram da terra nem prestavam conta na ausência do seu senhor, mas mataram aos seus outros servos e ao próprio filho termina da seguinte forma:

Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? <sup>43</sup> Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos (**Mateus 21:42-43**).

Nessa parábola temos a rejeição do senhor sendo aplicada de forma profunda no assassinato do seu próprio filho. A condenação desse ato terrível se dá através da punição e da retirada da terra a qual é dada para outros que trabalhem de forma correta. Jesus liga isso a sua vinda e ao reino, dizendo que, na rejeição do Rei e da ampliação do privilégio e responsabilidade de representar o reino, Israel fracassou e esse reino ou a sua representatividade será dada a outros que honrem e produzam os frutos dignos desse reino.

## 9 – A IGREJA COMO REPRESENTANTE DO REINO FUTURO

O povo de Israel tinha a incumbência de anunciar o reino vindouro. Eles receberam vários privilégios para isso: “São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” (Romanos 9:4-5), mas não eles não corresponderam, então Deus entregou essa responsabilidade e privilégio à igreja, atribuindo a ela várias das mesmas honras dadas a Israel:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1 Pedro 2:9-10).

Todas essas prerrogativas que Pedro atribui à igreja pertencem a Israel. Por essa razão, alguns teólogos querem dizer que a igreja é o novo Israel, pois vemos alguns escritores bíblicos tanto mostrando algumas das promessas feitas a Israel se cumprindo na igreja, como também as características são extremamente semelhantes. Porém, dizer isso é negar a ideia fundamental de Paulo em Romanos 9-11, onde Deus irá restaurar Israel ao seu patamar primário de representante do reino. A igreja aparece como a instituição formada por pessoas de várias nações as quais estão representando o reino futuro por terem reconhecido o rei Jesus que veio instaurá-lo.

A forma de Deus trabalhar com essas duas instituições é semelhante. Ambas são representações das coisas celestes, isto é, do reino futuro. Por exemplo, podemos comparar Moisés e Paulo. Moisés recebeu as instruções para a construção do Tabernáculo em conformidade com o modelo celeste: “os quais ministram em figura e sombra das coisas

celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte”(Hebreus 8:5). Quando Paulo fala aos filipenses ele destaca: “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Filipenses 3:20). Assim, a representatividade do celeste estava em guardar os mandamentos de Deus e viver com uma ética que expressasse o reino pleno futuro.

Rushdoony apresenta um conceito semelhante quando fala sobre a função do cristianismo na educação. Ele aponta que alguns relacionamentos humanos são representações da realidade divina:

A família humana e a paternidade humana não são a realidade essencial; ao contrário, para Paulo, a paternidade humana é o tipo, ou sombra, e a paternidade divina consiste na realidade última. O relacionamento de Cristo com a igreja é a realidade essencial, da qual o relacionamento do marido com a mulher é sombra, uma exposição do mesmo princípio. Deus é o pai de todas as paternidades, e a paternidade humana nada mais é que um reflexo pálido do relacionamento eterno da Trindade ontológica, entre o Pai e o Filho. Portanto, a comunhão humana, os governos e as relações são sombras da realidade existente nos relacionamentos interno entre Pai, Filho e Espírito Santo (RUSHDOONY, 2016, p. 160).

O reino de Deus entre os homens é também uma sombra, uma imagem vista como por um espelho, uma representação do reino futuro do Senhor. Apesar de não serem a realidade em si, a responsabilidade de buscar fazê-las real é verdadeira e cobrada por Deus.

Israel como nação deveria ter feito isso, mas não conseguiu. Eles trataram essa incumbência com desleixo e foram indiferentes a tal privilégio. Jesus asseverou essa verdade na conclusão de sua parábola sobre os servos maus: “Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (**Mateus 21:43**). Entretanto, é necessário, para motivo de ênfase, demonstrar que a representatividade consegue dirimir alguns problemas apontados quanto sobre essa frase de Jesus. Se Deus prometeu que o reino de Davi permaneceria para sempre, como o reino é retirado de Israel? Haveria alguma contradição? Se entendermos esse retirar do reino como o privilégio de ser nação representativa dele, não. Jesus está dizendo que o povo de Israel, por não andarem segundo os padrões divinos que apresentavam o reino futuro e, em última instância, por negarem o reino, foi-lhe retirado a regalia de ser embaixador de reino na terra.



E, agora, os crentes da igreja são chamados a proclamar este mesmo reino com suas ações derivantes da pátria celeste, dos céus. Por isso, Paulo conclama os crentes da igreja de Colossos: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Colossenses 3:1-2). A igreja, portanto, traz em si os representantes que apresentam, em suas atitudes, fazer parte do reino futuro pleno de Jesus e apresentam esse reino aos descrentes através, justamente, de sua ética celestial.

Observando desta maneira, Deus não deixou de trabalhar da mesma forma, apenas mudou de uma nação para pessoas em todos os lugares e de todas as nacionalidades, mas o princípio continua o mesmo, atestar pela fé que Deus trará um reino de paz e bênçãos sem fim.

...o Reino de Deus na terra, deve ser identificado com o Reino de Deus no coração dos homens onde quer que estejam. Como consequência, deve-se sustentar que o lar cristão é parte da igreja visível, como a escola, o Estado e o homem cristão no seu chamado – os homens piedosos que, por toda parte, no seu chamado, servem como sacerdotes do Reino de Deus na terra. O cristão, como cientista, manifesta na sua esfera particular de ação, a atividade da igreja visível, do Reino de Deus na terra (RUSHDOONY, 2016, p. 80).

Portanto, atestamos que tanto Israel como as demais nações da Terra fazem parte do reino de Deus no instante em que reconhecem Jesus como Rei, mas a representatividade antes dada a nação de Israel passou à Igreja, instituição iniciada no dia de Pentecostes. Futuramente, Israel voltará a ter essa representatividade, pois se voltará para Deus novamente.

Quando consideramos algumas declarações de Jesus sobre o reino, algumas perguntas surgem. Como já destacamos anteriormente, Jesus falou que o reino estava no meio do povo por sua ação de expulsar os demônios “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós” (**Lucas 11:20**). Jesus claramente não estava falando de um reino físico naquele momento, mas da presença do rei que estava representando o reino futuro. Outra declaração de Jesus acerca do reino é a seguinte: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (**Lucas 12:32**). Jesus estava falando sobre não ter preocupações com as coisas desta terra nem mesmo com as mais essenciais como comer e beber, pois Deus cuidaria dos seus filhos e ordena que se deva buscar o reino de Deus. Em seguida, ele acrescenta: Deus se agradou em dar o seu reino ao pequenino rebanho.

Algumas perguntas podem ser feitas: ele está falando sobre qual reino? Israel? Quando esse reino seria entregue? É um reino espiritual ou físico? Essas são perguntas importantes, pois, ao que parece há a promessa de um lugar onde todas as necessidades serão supridas. Os discípulos deveriam buscar esse reino, mas, ao mesmo tempo, ele já lhes pertencia. Jesus disse que o reino já é chegado, mas há a ordem de buscá-lo, ele está aqui, mas ainda será entregue. Ora parecer ser algo espiritual e, ao mesmo tempo, tem aspectos físicos. A representatividade explica essas questões, pois mantém a literalidade do reino físico prometido a Israel e a todos quantos recebessem o rei rejeitado. Israel falhou no privilégio de representar o reino, esse privilégio foi outorgado à igreja. Esta deve viver, isto é, buscar seu reino e sua justiça e apresentar o reino futuro que já lhe foi dado. O ponto a ser destacado é que Deus fez uma aliança eterna pelo seu sangue: “A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele. Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da *nova* aliança, derramado em favor de muitos.” (Marcos 14:23-24).

Nessa nova aliança estavam envolvidos o povo judeu e os gentios. Ambos deveriam representar o reino futuro literal onde Jesus iria beber novamente o fruto da videira: “em verdade vos digo que jamais beberei do fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus.” (Marcos 14:25) Esse reino futuro já fora prometido a Israel, porém, esse quebrou seu pacto com Deus. O Senhor estabelece outra aliança, pela qual entrega o reino à igreja, isto é, torna os gentios participantes da mesma promessa, porém, em outra aliança. Nesse sentido, o reino pertence também à igreja assim como a Israel. Ambos são herdeiros desse mesmo reino:

Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros; pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, **a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus** por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder (Efésios 3:1-7).

Paulo destaca claramente que os gentios são coerdeiros juntamente com Israel das promessas de Cristo Jesus. O mesmo reino prometido à Israel também é prometido à Igreja. Dessa forma, a Igreja foi incluída na promessa e, quando Jesus se refere ao seu pequenino

rebanho, não estava falando somente de Israel, mas tendo em mente todo o escopo de sua obra salvífica: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor” (**João 10:16**).

Jesus fala que tinha ovelhas não de Israel, mas que elas fariam parte de seu povo, de forma que não seriam dois povos, mas um e um só líder, um só Senhor. Essas mesmas ovelhas de ambos os apriscos estavam em sua mente quando estava fazendo a sua oração sacerdotal: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra.” (**João 17:20**)

O diferencial está justamente no tempo em que cada um vai representar esse reino. Agora, no tempo da Igreja ou dos gentios, Israel não terá o privilégio de ser representante do reino eterno, porém, quando a igreja for arrebatada, Deus outorgará essa dádiva novamente a Israel como nação: “Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios.” (**Romanos 11:25**). Entretanto, ambos, tanto Israel (o verdadeiro Israel, remanescente) e a Igreja participarão do reino geopolítico de Deus tendo Jesus reinado fisicamente no trono de Davi.

## 10 – A PRÁTICA DA REPRESENTATIVIDADE DA IGREJA

Algo importante a ser destacado é que a apresentação do reino futuro não é simplesmente passiva, isto é, na forma de viver que demonstre outra ética ou princípios. Mas também ativa, na reprovação de todo tipo de mal dentro da sociedade reinante. Observamos este aspecto ainda em Israel. O povo não deveria ser somente uma nação que vivia e anunciava a salvação, mas também que denunciava o erro e os pecados contra Deus. O próprio Senhor chamou alguns de seus profetas para levantarem sentenças contra outros povos, basta ver o profeta Jonas que foi chamado a profetizar contra Nínive. João Batista que fora preso por repreender a Herodes: “mas Herodes, o tetrarca, sendo repreendido por ele, por causa de Herodias, mulher de seu irmão, e por todas as maldades que o mesmo Herodes havia feito, acrescentou ainda sobre todas a de lançar João no cárcere” (Lucas 3:19-20).

A igreja também é chamada a repreender a sociedade vigente em suas práticas pecaminosas como Paulo enfatiza: “e não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as (Efésios 5.1). É certo que o cristão não viverá procurando erros ou

passará todo o tempo se ocupando em redarguir os ímpios, porém, não deve haver uma apatia concernente aos rumos pecaminosos que a sociedade tem tomado. O crente não é somente um arauto das boas novas, mas um denunciador do mal. A seguinte pergunta pode surgir: o que acontece quando a igreja não está representando o reino futuro? Quando Israel como nação não correspondeu ao chamado de Deus, ele os castigou e eles perderam essa representatividade. O Senhor fazia isto de forma individual ao retirar um rei perverso, por exemplo, mas seu concerto era com uma nação, então, os desterrou para o cativeiro. Com a igreja, Deus parece trabalhar individualmente, como no exemplo de Ananias e Safira ou como em primeiro Coríntios:

Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem (1 Coríntios 11:26-30).

Deus castiga individualmente levando alguém que não está correspondendo ao seu chamado de proclamar o reino futuro até à morte. Os meios que Deus trata são semelhantes, ele não precisa fazer tudo de forma igual. Mas o princípio utilizado por ele continua. Aqueles que são chamados a proclamação do reino têm o privilégio, mas também a responsabilidade e serão cobrados por isso.

#### **REFERÊNCIAS:**

FEINBERG, J. S. (org) **Continuidade e descontinuidade:** perspectivas sobre o relacionamento entre Antigo e o Novo Testamentos. São Paulo: Hagnos, 2013.

RUSHDOONY, Rousas John. **Esquizofrenia intelectual: cultura, crise e educação.** Brasília: Editora Monergismo, 2016. p. 80.

POYNTHRESS, Vern S. **Teologia sinfônica:** a validade das múltiplas em teologia. São Paulo: Vida Nova, 2016.